

# Medicina pernambucana: da história dos livros aos ilustres desconhecidos\*

Laryssa Crystinne Azevedo Almeida<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Médica, residente de Neurocirurgia, Santa Casa de Belo Horizonte, BH, Minas Gerais.  
e-mail: laryssazevedo@hotmail.com

## Introdução

A história é sempre uma tentativa de busca daquilo que não deve ser perdido no tempo, um resgate das raízes que tornam possível que as grandes árvores permaneçam erguidas. Com base nisso, nos dedicamos à tarefa de restaurar os grandes feitos que contribuíram para o desenvolvimento, não só das conquistas das quais gozamos atualmente, mas também para o nosso sentimento de pertencimento a uma terra, a um povo e a uma ciência que avança, mas ainda guarda características do pioneirismo de tempos atrás.

Começar a falar sobre a história da Medicina no estado de Pernambuco, é sobretudo uma admissão da fertilidade desse solo para o crescimento de ideais de vanguarda que se destacaram desde o Brasil colônia. A grande extensão territorial recém-descoberta já contemplava o destaque da província de Pernambuco no contexto econômico e nas disputas políticas, sendo uma das primeiras localidades a receber os escravos africanos que inspiraram na incorporação de novas culturas e promoveram a miscigenação das raças, fato que é importante atualmente no contexto de saúde pública, pelo fato da endemicidade de certas doenças que são mais prevalentes na raça negra, tais como a anemia falciforme, a hipertensão arterial sistêmica e o diabetes.

Ao tentarmos definir a Medicina, podemos acabar presos a conceitos simplórios que não abrangem de forma adequada esta ampla área do conhecimento. Se enxergarmos a Medicina como a prática que procura cuidar dos enfermos e aliviar as moléstias, podemos dizer que ela já era praticada em nosso território muito antes da chegada dos portugueses, sendo o conhecimento indígena bastante amplo para o uso de ervas e outros produtos

naturais na terapêutica das doenças típicas daquela época. Contudo, ao admitirmos que a Medicina é uma ciência, levando-se em consideração as etapas do método científico de René Descartes, a grande influência dos fatores místicos envolvidos nas práticas medicinais indígenas acaba por descaracterizá-la como ciência. Então podemos dizer que a Medicina do nosso estado só começou em 1920 com a inauguração da Faculdade de Medicina do Recife? Mais uma vez volto a dizer que não devemos nos prender a conceitos e admitirmos que a Medicina é uma ciência dinâmica e ampla. Podemos então sistematizar a nossa aquisição do conhecimento da história percorrendo os caminhos que levaram ao hoje.

Pernambuco é uma terra que até em situações desfavoráveis, como o contexto da invasão holandesa, contou com o desenvolvimento de diversas áreas, incluindo o pioneirismo científico. Maurício de Nassau, considerado por muitos “um governante à frente do seu tempo em muitos aspectos” trouxe consigo da Holanda uma comitiva composta por diversos estudiosos, entre eles Williem Piso e Georg Marckgrave, que realizaram notáveis estudos sobre as características da região, abordando as doenças e as terapêuticas utilizadas pelos indígenas. Foi no cenário de progresso e tolerância religiosa da Cidade Maurícia que o primeiro livro de Medicina das Américas, a *Historia Naturalis Brasiliae*, pode ser idealizado e escrito por Piso e seus seguidores, e posteriormente publicado na Europa, em 1648, levando ao mundo notabilidade para as terras pernambucanas. Piso foi um cientista de grande contribuição para a ciência mundial e que encontrou na convivência com os indígenas de Pernambuco uma oportunidade de desenvolver observações fundamentais, tais como a importância

\*Monografia entregue à Academia Pernambucana de Medicina em outubro de 2015.

da higiene na prevenção das moléstias, notada nos hábitos dos gentios de tomarem muitos banhos, a fisiopatologia das parasitoses e o tratamento utilizando plantas. Convém citar, a nível de curiosidade, que foi Piso quem descreveu a prevenção do escorbuto nos marinheiros das expedições por meio da ingestão de suco de limão.

A Medicina de uma região surge para atender às necessidades da população, não sendo diferente em Pernambuco, a “Nova Roma de bravos guerreiros”, que teve na Revolução Pernambucana de 1817 o surgimento do Hospital Militar em Recife que tinha a finalidade de atender aos feridos de guerra e teve como um dos seus fundadores o médico José Eustáquio Gomes, que foi também o idealizador da Escola de Cirurgia Prática, um dos primórdios do ensino de Medicina no estado. A Escola de Cirurgia Prática não obteve apoio do Reino, tendo funcionado por alguns anos de forma autônoma e formando cirurgiões práticos que foram avaliados por uma comissão médica nomeada pela câmara.

A obstetrícia foi outra área prática que contou com iniciativas de sistematização do ensino, procurando desvincular-se das práticas populares que por muitos anos foram transmitidas de geração para geração pelas conhecidas parteiras, e buscando uma organização do ensino por meio da criação da cadeira de Arte Obstétrica em 1840 pelo então governador Francisco do Rego Barros, sendo exclusiva para mulheres e tendo suas aulas realizadas no Hospital do Paraíso, tendo Simplício Antonio Mavigner como diretor. Ainda no âmbito da obstetrícia, é pertinente a informação de que a primeira cesariana do Brasil foi realizada no Hospital Militar do Recife em 1817 por José Correia Picanço, pernambucano fundador do ensino médico no país. Ambas as tentativas de sistematização do ensino não progrediram e tiveram suas atividades encerradas, devido às dificuldades burocráticas impostas pela Coroa de Portugal, no entanto, contribuíram para a formação de profissionais durante o período de funcionamento e serviram de inspiração para as gerações que viriam. Foram muitas as tentativas de iniciação do ensino médico em Pernambuco, contando sempre com o pioneirismo que esbarrava nas dificuldades impostas pelo governo vigente. As precursoras do ensino em saúde no estado foram as Escolas de Farmácia do Recife e a Escola de Odontologia do Recife, que tiveram maiores incentivos por serem menos custosas para serem implementadas.

Foi em 1914 que a efetivação da criação de um curso de Medicina criou força com reunião realizada na congregação da Escola de Farmácia do Recife, que apresentou proposta de criação de comissões para a elaboração dos estatutos para organizar a futura Faculdade de Medicina do Recife, tendo Otávio de Freitas como diretor. Apesar dos esforços e iniciativas tomadas naquele ano, a inauguração oficial da Faculdade de Medicina do Recife só aconteceu em 1920, ficando inicialmente instalada na Escola Manuel Borba, no bairro da Boa Vista, tendo posteriormente, em 1925, ganhado do Governo do Estado um terreno no bairro do Derby para a construção de sua sede.

O curso de Medicina não contava com um hospital próprio e os alunos ficavam designados a percorrerem pelos diversos hospitais da cidade, merecendo destaque o Hospital Pedro II, o Hospital de Santo Amaro, o Hospital do Centenário e o Hospital de Doenças Nervosas e Mentais.

Em 1958 a sede do curso foi transferida do Derby para a Cidade Universitária, passando a fazer parte da Universidade Federal de Pernambuco em 1965, funcionando como uma entidade acadêmica ligada ao Centro de Ciências da Saúde daquela instituição.

Em 1950 foi criada a Faculdade de Ciências Médicas de Pernambuco, atual Universidade de Pernambuco, e assim o ensino médico passava a se expandir no estado, sendo responsável a cada ano pela formação de diversos jovens médicos. Atualmente Pernambuco conta com uma ampliação do ensino médico, com importante menção a interiorização do ensino que teve no curso de Medicina de Petrolina da Universidade Federal do Vale do São Francisco, iniciado no ano de 2004, a primeira bem sucedida experiência e que contribuiu para o desenvolvimento da região e pela formação de médicos com um sentimento de compromisso social com a região, contribuindo para a idealização de serviços de saúde que ganharam novo ânimo com as atividades das Residências Médicas.

Outros cursos foram abertos em Garanhuns, Caruaru, Serra Talhada e na capital podemos citar as universidades privadas, tendo como pioneira a Faculdade Pernambucana de Saúde, criada em 2005 como uma parceria entre o Instituto de Medicina Integral Professor Fernando Figueira (IMIP) e a Faculdade Boa Viagem (FBV) e que já formou diversas turmas de profissionais médicos de alta capacitação. Recentemente foram abertos os cursos

de Medicina da Uninassau e da Universidade Católica de Pernambuco (Unicap).

Merecem destaque os vultos da medicina do estado que contribuíram para que ocorressem revoluções e aprimoramentos em suas áreas de atuação. O Professor Fernando Figueira é de honrosa lembrança por ser o criador da Academia Pernambucana de Medicina em 1970 e também do IMIP, hospital que atualmente se destaca na qualidade da assistência oferecida principalmente na área materno-infantil. Outro homem de destaque foi Josué de Castro, um médico pernambucano que se dedicou a um estudo multidisciplinar da condição humana, abordando o problema da fome em sua renomada e mundialmente conhecida obra “A geografia da fome”, recebeu o Prêmio Internacional da Paz e indicações ao Prêmio Nobel da Paz.

Podemos ainda citar a importância de Ulysses Pernambucano para a Psiquiatria do estado, assumindo a liderança do Hospital da Tamarineira e fazendo proscritas as práticas inadequadas na abordagem ao paciente psiquiátrico. Foi ainda o criador da revista Neurobiologia em 1938, a mais antiga revista da área neuropsiquiátrica em circulação da América Latina.

O Professor Salomão Kelner foi um grande nome da cirurgia do estado, tomando condutas revolucionárias na abordagem ao paciente com hipertensão portal, desafiando os consensos internacionais e desenvolvendo técnicas inovadoras que atuavam diretamente sobre as varizes esofágicas, preservando o fluxo portal.

Foi esse espírito transformador que teve coragem de implementar o Mestrado em Cirurgia em Recife e fez com que o Serviço de Cirurgia da Universidade Federal de Pernambuco se tornasse uma referência nacional em pesquisa em esquistossomose. Na Neurologia, tivemos o Professor Antônio Austregélis Rodrigues Lima, nascido no Recife e considerado o “pai da Neurologia brasileira”, em 1912 foi o primeiro a assumir a cadeira de Neurologia como disciplina independente na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro e teve grande contribuição para a criação da especialidade em Neurocirurgia no país ao convidar Alfredo Alberto Pereira Monteiro e José Ribe Portugal para criarem a especialidade no Brasil. São essas apenas algumas citações para que tomemos dimensão dos grandes que nos precederam.

Até aqui falamos sobre a história que por mérito é contada em livros e conhecida de muitos,

angariando o destaque da nossa cultura para o cenário mundial. Entretanto, venho agora vos falar de uma história que não está explícita, mas que é de igualitária dignidade. Uma história que não é de um indivíduo em particular, nem de uma obra isolada, mas sim de uma coletividade que compartilha um sentimento que só pode ser sentido por aqueles que o são, o médico que se dedica a arte de cuidar. Cada um de nós, que um dia fomos despertados pelo desejo de exercer esta bela profissão, por muitos descrita como sacerdócio, tivemos em nós o desejo de cuidar do próximo, sobretudo em nosso estado que ainda hoje conta com índices sociais vergonhosos em comparação a outras regiões brasileiras. Euclides da Cunha disse que “O sertanejo é, antes de tudo, um forte.” É essa força que trazemos para que com tanta avidez busquemos o conhecimento e o desenvolvimento de técnicas que fizeram com que Pernambuco tivesse a história médica eternizada em grandes feitos que já foram anteriormente descritos e que fez com que muitas vezes superássemos a nós mesmos e às dificuldades impostas pelo meio para que o bem comum fosse alcançado. É com isso que começo agora a falar da história da Medicina que é um pouco da história de cada um de nós.

Ser médico em Pernambuco é almejar o futuro, mas sabendo lidar com o atraso, é poder estudar tratamentos avançados, mas ainda tratar de doenças do retrocesso da miséria, como a esquistossomose em sua forma hepatoesplênica que é ainda tão frequente nos ambulatórios de gastroenterologia em nosso estado. É lidar com a hanseníase que de tão antiga já era falada em escritos bíblicos, mas que ainda é tão vista nos ambulatórios de dermatologia e que deixa sequelas neurológicas tão conhecidas pelos neurologistas. É ser pediatra e ter de tratar desnutrição e marasmo, calcular hidratação nas diarreias decorrentes da ingestão de água e alimentos de baixa qualidade. É ser ginecologista e lidar com cânceres ginecológicos em estágios avançados que poderiam ter uma prevenção, mas que, pela desigualdade social, não chega a todas as mulheres. É ser cirurgião geral e operar com frequência jovens vítimas de ferimentos por armas de fogo ou arma branca que são consequências da alta criminalidade do nosso estado. É ser obstetra e ter que lidar com gestações de alto risco como seguimento do péssimo estado de saúde das mulheres de baixo poder socioeconômico que em geral são obesas, diabéticas e hipertensas pela péssima alimentação e hábitos de vida a que são

expostas desde a infância. É ainda ser o clínico da atenção básica que tem em suas mãos a responsabilidade de prevenir e tratar todos esses males contando com baixos salários e recursos escassos.

Venho ainda falar sobre aquele que é muitas vezes esquecido, mas que carrega a disposição e os sonhos da jovialidade e o qual todos já foram um dia. O estudante que começa sua trajetória já tendo que lidar com a rispidez de um dos vestibulares mais difíceis do país, não sendo ao acaso que aqui se encontram as duas universidades públicas de medicina que figuram entre as melhores do Norte e Nordeste e de importante destaque do ensino do país, a Universidade Federal de Pernambuco e a Universidade de Pernambuco. Esse título do ensino médico no nosso estado deve-se aos docentes dedicados, aqueles que têm compromisso com o ensino e o prazer de transmitir os conhecimentos da arte médica, aqueles que não se incomodam com as dúvidas e que auxiliam nas dificuldades, que dedicam uma parte do seu já escasso tempo para as atividades de ensino extracurriculares, tais como as ligas e grupos de pesquisa que inspiram muitos estudantes na escolha de sua especialidade e na dedicação à prática médica. É também compartilhado o mérito dessas conquistas pelos estudantes que contam com a natureza de um ser estudioso e dedicado e que deparam-se com dificuldades desde o início, muitos deixam o conforto de suas casas no interior do estado para virem estudar na capital, abandonam os prazeres da juventude pela dedicação ao estudo para aprenderem a arte do bem cuidar, esquecendo-se muitas vezes de cuidar do corpo que os sustenta, o próprio corpo que acostuma-se a realizar atividades em horários de almoço e que permanece de pé mesmo com o cansaço decorrente de poucas horas de sono diárias.

Para ser médico é preciso espírito de liderança, para ter em mãos a responsabilidade do bom funcionamento dos grandes serviços do estado que contam com uma grande demanda de uma população desamparada socialmente e que deposita em nós a esperança da vida, muitas vezes o único bem que possuem. E nós não falhamos, alcançamos excelentes resultados que desafiam as condições vigentes e fazemos com que a saúde pública do nosso estado tenha destaque no país, como, por exemplo, na área de transplantes, destacando o transplante hepático, sem esquecer que somos o segundo do Brasil em transplantes de coração e

medula óssea e sexto lugar em transplante de rim. No setor privado, alcançamos um nível de excelência que nos levou ao primeiro lugar no Norte/Nordeste e o segundo no Brasil em qualidade, modernidade e avanço tecnológico, atuando como um grande gerador de empregos e movimentador da economia, destacando-se nas áreas de Oncologia, Traumatologia, Ortopedia, Cardiologia, Neurocirurgia, Hepatologia e Patologia Clínica pela infraestrutura adequada e instrumental avançado em saúde. Contrastando com esses dados, temos a precariedade dos serviços no interior do estado e o quão digna de entrar na história é a atuação daquele médico que dedica sua vida a ser o responsável por toda uma população de baixa escolaridade e baixo poder socioeconômico que é grata pelos serviços que ele pratica, fazendo medicina com o mínimo de instrumentos auxiliares, sendo generalista que se especializa nas urgências particulares daqueles que não tiverem o mesmo direito à saúde, que é de todos, pelo simples local de seu nascimento. Para ser médico é preciso ser líder, para lidar com pessoas e suas adversidades, conduzindo-as e inspirando-as.

E por fim venho falar da peculiaridade médica que não é aprendida na faculdade nem nos diversos treinamentos pelos quais passamos para alcançarmos os títulos de excelência em nossas áreas de atuação. A generosidade tem o papel principal na nossa caminhada e é ela quem esculpe a nossa história em mármore, segundo Cora Coralina “Nada do que vivemos tem sentido, se não tocamos o coração das pessoas”, e é a história que não é contada, mas que eterniza-se na memória de cada um de nós, do olhar agradecido de um paciente e sua família pelo bem que fizemos, das palavras de consolo que proclamamos ao já não termos mais amparo na ciência, do difícil choro que somos obrigados a ouvir depois de anunciarmos tristes notícias e do quanto todas essas lembranças contribuíram para a construção da personalidade médica de cada um de nós. É essa a história não só de Pernambuco, mas do mundo, como falou Guimarães Rosa “O Sertão é o mundo!”, nós somos o mundo por abrigarmos essa diversidade de povos e cenários, de um estado que é fraco em aspectos sociais, mas que abriga um povo tão forte, movido pela fé e pelo desejo de irmos além.

## **Referências**

1. Sousa MR, Velloso VP, Madureira FJC. Faculdade de Medicina do Recife. Disponível em: <http://www.dichistoriasaude.coc.fiocruz.br/iah/pt/verbetes/facmedrec.htm#ficha>.
2. Nava P (2004) Capítulos da história da medicina no Brasil: Ateliê Editorial, 245p.
3. Pereira G (2006) Medicina e os médicos de Pernambuco: O Pioneirismo da ciência e a procrastinação do ensino. *Clio – Revista de Pesquisa História*, 24(2), 1-34.
4. Rocha LDA (1960). História da Medicina em Pernambuco: Séculos XVI, XVII e XVIII, Arquivo Público Estadual, Recife.
5. Silveira RK (2002) Cirurgião acadêmico: ciência e arte tributo ao professor Salomão Kelner. *Acta Cirurgica Brasileira*, 17 suppl.1. <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-86502002000700001>
6. Valença MM (2017) História da Neurologia e Neurocirurgia de Pernambuco 2008. Disponível em: <http://neurocirurgia-rinaldosouto.blogspot.com.br/2008/08/histria-da-medicina-pernambucana.html>.